

**E**ra nosso primeiro dia na escola. Já tínhamos sete anos. Nossa mãe sempre contava histórias para nós, ensinava as coisas. Como eu adorava viver no meio dos livros, sabia ler um pouco mais que o meu irmão, Miguel. Ele gostava mesmo era de correr e brincar no quintal.

A escola era perto de nossa casa, em frente à praça. Fomos a pé, acompanhados de nossos pais.



4



5





**A**ssim que chegamos, Miguel saiu correndo e subiu no balanço, feliz da vida. Eu não sabia se queria ficar lá, mas minha mãe me deu um abraço bem apertado e disse, olhando bem nos meus olhos:

– No final da manhã venho buscar vocês – e então ela beijou a minha testa com doçura, e fiquei corajosa de repente.



**S**ai andando pelo corredor, e a professora Roberta veio me receber com um abraço.

– Seja bem-vinda, querida! – e me acompanhou até a minha sala.

A professora já nos conhecia. No dia em que fomos visitar a escola, ela nos recebeu com a diretora. Aliás, a diretora nos pareceu um doce de pessoa. Depois fiquei sabendo que os meninos e as meninas morriam de medo dela. Se estivessem correndo pelo pátio e dessem de cara com ela, ficavam quietinhos, feito estátuas. Diziam que a diretora tinha um radar, porque, assim que os meninos começavam a correr, ela aparecia do nada. Acredita? Diziam também que, se ficasse brava, se transformava numa bruxa má, muito má! Não sei... Vou ficar de olho.

Mais alguns alunos entraram na sala. Miguel veio minutos depois, quando a *prô* Roberta o buscou no parque.



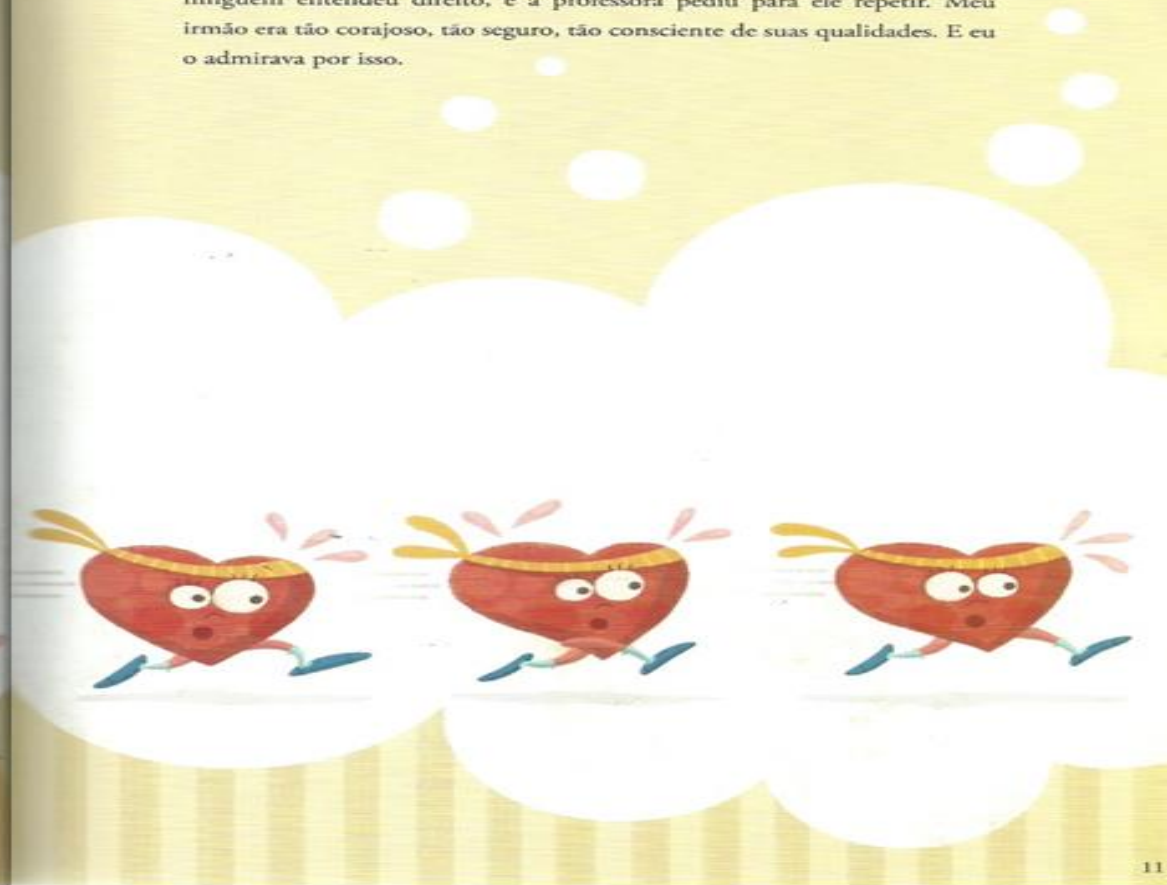
No início da aula, a professora pediu que cada um dissesse seu nome. Meu coração ficou tão, mas tão acelerado, que, quando fui dizer, acabei esquecendo meu nome! Verdade! Então me deu um branco! Nunca tinha falado para tanta gente me ouvir antes. Mas a *prô* Roberta segurou a minha mão e sussurrou meu nome em meu ouvido. E eu falei:

– Ana.



10

Miguel, ah, ele falou seu nome tão feliz, tão rápido, que quase ninguém entendeu direito, e a professora pediu para ele repetir. Meu irmão era tão corajoso, tão seguro, tão consciente de suas qualidades. E eu o admirava por isso.



11





**D**epois a *prô* Roberta formou um círculo, pediu que sentássemos e explicou como seria nosso dia. Fariamos alguns desenhos, ouviríamos músicas, faríamos um piquenique, brincaríamos no parque e teríamos uma gincana.

Eu nem sabia o que era gincana, mas, assim que ela amarrou fitas azuis nos punhos de alguns e fitas vermelhas nos punhos de outros, entendi que iríamos brincar muito. Eu adorei. Você também gosta de brincar?

Ao final da aula, a *prô* pediu que cada um se desenhasse. Então, Gabriela, lá do fundo, gritou:



— *P*ró, me empresta “lápiz cor de pele”?

Fiquei sem entender. Luís logo respondeu:

— Eu tenho!

E emprestou a ela um lápis clarinho, meio rosa... “Que estranho”, eu pensei. Olhei para Miguel para perguntar se ele havia entendido, mas meu irmão estava se desenhando com a camiseta do seu time preferido — e, quando o assunto era seu time preferido, melhor não interromper. De jeito nenhum. Acabei ficando sozinha com meus pensamentos.



Minha mãe nos pegou no final da manhã, exatamente como havia prometido. Fomos para casa, e fiquei pensando no que tinha acontecido na escola. Não entendia como um lápis rosinha poderia ser “lápiz cor de pele”! Minha pele era tão, mas tão branquinha. Não era rosa. Na-na-ni-na-não.



**E**m casa observei meu pai. Também era branquinho, como eu, e tinha os olhos azuis. Meu irmão tinha os olhos iguais aos dele. Eu me perdi naquela imensidão dos olhos azuis do meu pai, que percebeu que eu o admirava. Sorriu-me e disse:

– Senti sua falta, Ana!

Levantei do tapete, dei um super, hiper, mega, abraço nele e fui para o quintal procurar Miguel. Como meu irmão gostava de jogar bola!



Quando cheguei lá fora, meu Deus! Miguel não tinha a pele como a nossa. Sua pele era tão, tão escura. Era uma cor que parecia marrom. E eu nunca tinha percebido aquilo! Seus olhos eram parecidos com os do meu pai, mas a cor de sua pele... Não parecia com a nossa. Nesse momento, mamãe chamou lá da cozinha:

– Crianças, preparei um suco delicioso para vocês.

Entramos, Miguel correndo como sempre, e eu pensando na palidez da minha pele e no colorido da pele dele.





Quando minha mãe veio perguntar se a gente já tinha lavado as mãos, foi aí que notei! Minha mãe tem a pele bem escura, igual à de Miguel. Seus olhos são escuros como os meus, seus cabelos encaracolados como os meus, mas a sua pele é exatamente da mesma negritude da pele de Miguel. Como eu nunca havia percebido isso?

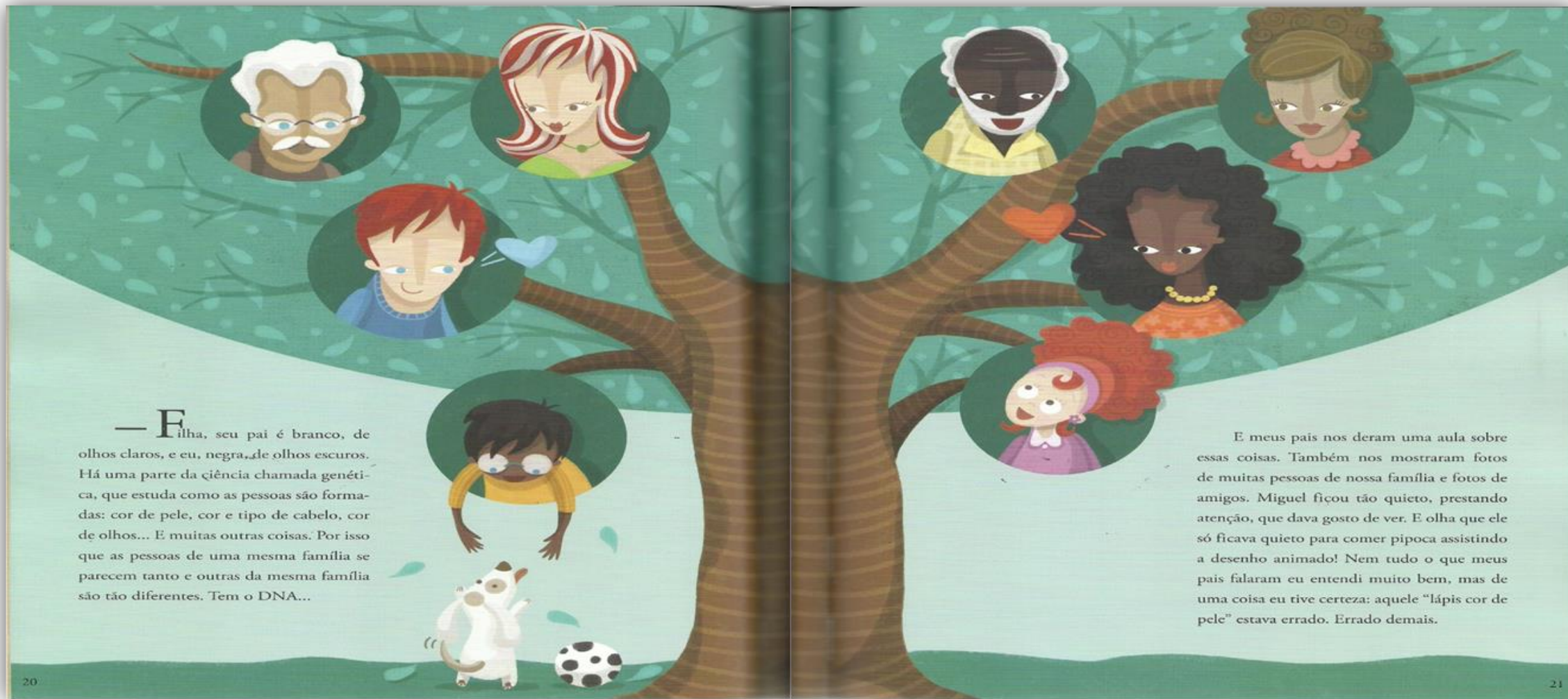
– Mãe, por que não tenho a mesma cor da sua pele?

Meus pais se olharam e deram uma deliciosa gargalhada!

– Filha, você nunca havia percebido?

– Não, mãe! Nunca vi diferença entre nós. Agora vi que sou branca como meu pai, e você e Miguel têm a pele tão escura.





— **F**ilha, seu pai é branco, de olhos claros, e eu, negra, de olhos escuros. Há uma parte da ciência chamada genética, que estuda como as pessoas são formadas: cor de pele, cor e tipo de cabelo, cor de olhos... E muitas outras coisas. Por isso que as pessoas de uma mesma família se parecem tanto e outras da mesma família são tão diferentes. Tem o DNA...

E meus pais nos deram uma aula sobre essas coisas. Também nos mostraram fotos de muitas pessoas de nossa família e fotos de amigos. Miguel ficou tão quieto, prestando atenção, que dava gosto de ver. E olha que ele só ficava quieto para comer pipoca assistindo a desenho animado! Nem tudo o que meus pais falaram eu entendi muito bem, mas de uma coisa eu tive certeza: aquele "lápiz cor de pele" estava errado. Errado demais.



**N**o outro dia cheguei muito animada à escola, ansiosa para contar a minha descoberta. A professora nos colocou novamente nas carteiras em círculo e, depois de falar um pouco, perguntou se alguém queria dizer alguma coisa. Pensei, pensei bem. Fiquei com muita vontade de falar, mas não tive coragem. Ah, se eu fosse Miguel... Ele não tem vergonha de nada, não.



22

Daf sentamos para desenhar como a *pró* Roberta pediu. E ela pediu para, desta vez, desenharmos nossa família. Comecei pelo meu pai, que tinha cabelos lisos, pele branca e olhos azuis. Era alto e um pouco gordinho. Ha, ha! Depois foi a vez da mamãe. Alta, magra, negra, olhos de jabuticaba, cabelos bem encaracolados, enfeitados com uma flor de laranjeira que ela recolhia todos os dias no quintal para prender os cabelos do lado direito da cabeça. Por último desenhei Miguel: negro, cabelos lisos, olhos azuis, magrinho que só. E, quando comecei a me desenhar, vi Gabriela e Pedro discutindo, pois queriam usar o tal "lápis cor de pele" ao mesmo tempo.



23



**E**ntão, notei que Gabriela tinha os olhos bem puxados e sua pele era um pouco mais amarelada. Daniel tinha uma cor meio vermelha. Ele havia dito no dia anterior que tinha passado as férias na casa da avó, que morava no litoral. Júlia era mais escura que eu, mas bem mais clara que Miguel. Diogo era moreno, mas não era negro como o meu irmão. Miguel e Carol usavam óculos. Júlia tinha os lábios mais carnudos. Cauã, que no dia anterior havia levado mandioca de lanche, tinha os cabelos negros bem lisos. Bia tinha as perninhas grossas e seu cabelo era cacheado, da cor de carvão. Bruno era bem mais alto que qualquer um da sala, menos que a *pró*. Tãti era a menorzinha. Laura tinha as bochechas rosadas, e Bruno, as sobrancelhas bem finas. Davi, sempre que sorria, mostrava umas covinhas nas bochechas, e Benício tinha os cabelos como os raios do sol. Ah... Esse, quando sorria, derretia meu coração.



**L**evantei a mão.

– Sim, Ana?

– *Pró* Roberta, queria falar uma coisa para a sala.

– Sim! Venha aqui na frente e nos conte o que quiser.

Levantei com as pernas tremendo de tanta vergonha de falar em público. Mas precisava contar para a sala o que havia aprendido com meus pais. Todo mundo precisava saber!

– Amigos, ontem Miguel e eu ouvimos umas coisas muito legais de nossos pais.

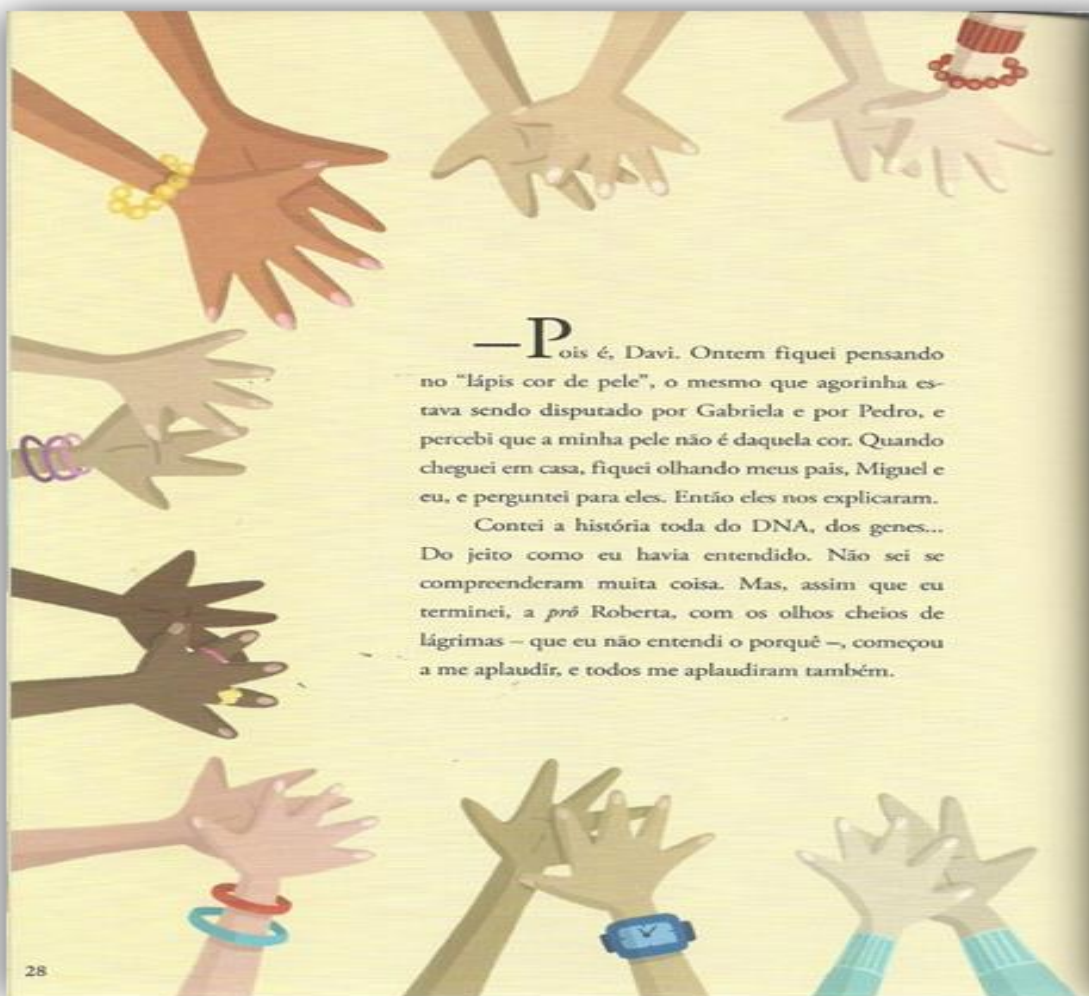
– Você e Miguel são irmãos, Ana? Como assim?

– perguntou Davi.

– Somos, sim. Irmãos gêmeos.

– Como? Gêmeos ainda? Você é branca e ele é negro. Achei que tinham que ser iguaizinhos. Da mesma cor e tal.





Quando mamãe nos buscou na escola, Miguel fez questão de contar o que tinha acontecido. Ela ficou muito orgulhosa. Orgulhosa do que aprendi, do que falei e, principalmente, por eu identificar as diferenças das pessoas e admirá-las por isso. Claro, se cada um é diferente, por que tem gente que insiste em ser igual?

Cheguei em casa e fui pesquisar tanta coisa! Cores, culturas, ideias, pensamentos, sonhos, sentimentos... Como ainda não lia tão bem, mamãe me ajudou, e depois papai também. Miguel me acompanhou nas maravilhosas descobertas. Tanta coisa ainda para aprender!



No outro dia, quando chegamos à escola, a professora havia colocado um espelhinho em cada mesa para que nos olhássemos, parte por parte – cabelo, nariz, olhos, sobrancelhas... – e depois observássemos nossas diferenças e semelhanças com cada colega. Foi divertido, e fiz muitos amigos.

Depois de tudo isso, o “lápiz cor de pele” não teve mais lugar em nossa sala. Agora, cada qual com sua identidade, cor e beleza, numa mistura de tons e de gente. Gente tão igual quanto diferente.

